

A IMAGEM COMO REFLEXO: UMA INTERLOCUÇÃO ENTRE MITOLOGIA E PSICANÁLISE

Renata Cabral Cuch, Flavia Suzue Ikeda

Resumo: Este artigo pretende fazer uma articulação do texto: “A imagem como reflexo”, escrito por Alberto Manguel, em 2001; e o texto “Perseu, a Morte e a Imagem”, escrito por Jean-Pierre Vernant, em 2000. O primeiro faz uma reflexão acerca das questões que constroem o campo da imagem e os impactos psíquicos que ela pode causar na impressão daquele que a vê. O segundo apresenta o mito de Perseu e o confronto da imagem com o grotesco. O intuito deste artigo é observar o conceito mitológico de imagem a partir do pressuposto da teoria psicanalítica que apresenta o espelho como formador da função do EU, na qual se estrutura a identidade do sujeito. A comparação lacaniana da observação fantasmática que a criança vivencia em seu primeiro momento de vida com a construção de um autorretrato por um pintor atemporal ratifica a identificação que o sujeito precisa para se reconhecer frente a sua imagem.

Palavras-Chave: Imagem; Espelho; Psicanálise.

1 INTRODUÇÃO

“A palavra imagem nos remete ao imaginário [...] a imagem, propriamente dita, tem a intenção de provocar sentido de aguçar a fantasia de quem a vê.” Leda Tenório, 2014.

Ao longo da história da construção das culturas a questão da imagem – como representação da identidade do homem – tem sido alvo de discussões teóricas que ora convergem, ora divergem, sobre a natureza desta afirmação. Não por acaso, Alberto Manguel (2001) reporta-se ao retrato em seu sentido mais amplo quando diz que todo retrato é, em certo sentido, um “autorretrato” que reflete o espectador – todo retrato funciona como uma forma de espelho. Tal afirmativa chama a atenção para como o olhar humano não se centra apenas em ver. No momento do confronto visual com o objeto a ser percebido, constata-se que o espectador leva consigo elaborações subjetivas produzidas por suas experiências particulares. Trata-se, portanto, de um ato criativo da psique humana.

[...] Para que a visão se realize, não bastam os olhos e as coisas coloridas, mas é preciso um terceiro elemento que permita aos olhos ver e as coisas serem vistas: a luz não é o olho, nem a cor, mas o que faz com que o olho seja a cor e que a cor seja vista pelo olho [...] conhecer a verdade é ver com os olhos da alma ou com os olhos da inteligência (CHAUÍ, 2002. p. 257-258).

Este artigo pretende fazer uma reflexão a partir dos textos “A imagem como reflexo”, escrito por Alberto Manguel (2001), que traz uma abordagem acerca das questões que constroem o campo da imagem e os impactos psíquicos que ela pode causar na impressão de quem a vê e, “Perseu, a Morte e a Imagem”, de Jean-Pierre Vernant (2000), que retrata o mito de Perseu e o confronto da imagem com o grotesco. O intuito deste artigo é realizar uma interlocução entre o conceito mitológico de imagem e o pressuposto da teoria psicanalítica que apresenta o espelho como formador da função do Eu, responsável pela montagem da identidade do sujeito.

Como objetivo geral, este artigo tem a intenção de compreender a influência da imagem no processo de subjetivação e formação da identidade do sujeito. Como objetivos específicos, pretende-se analisar os conceitos de imagem, espelho e fantasia sob o viés da psicanálise; identificar a relação que os mitos mantêm com a imagem; e, por fim, fazer um contraponto do mito de Perseu com o conceito do “estádio do espelho”, de Jacques Lacan. A metodologia utilizada é a revisão bibliográfica à luz dos textos já citados, bem como recortes de textos contemporâneos baseados no pressuposto psicanalítico lacaniano.

2 IMAGEM: DA FILOSOFIA À PSICANÁLISE

Desde o princípio dos tempos a questão da imagem como representação vem sendo alvo de discussões. O conceito de imagem esteve e ainda está ligado ao próprio desenvolvimento das sociedades e, não por acaso, antes da humanidade aderir à linguagem escrita, era por meio dos desenhos, hieróglifos e símbolos que o homem conseguia produzir sentido acerca de sua realidade imediata.

É complexo o universo que esse significante abrange quando pensada a imagem como representação signica do mundo. O termo imagem vem do latim *imago*¹ e significa a representação visual de imagens. Na Grécia clássica, esse conceito referia-se ao termo *eikon*, cuja raiz epistemológica está no pensamento platônico.

Platão foi um dos primeiros filósofos a se debruçar sobre o estudo da imagem. Para ele, a imagem era uma projeção da mente humana. Ele considerava que o reconhecimento completo da realidade dependeria da razão inteligível, que por sua vez, não deveria ser baseada em representações. Tal percepção foi explicitada a partir da Alegoria da Caverna,

quando ele faz uso de uma passagem socrática para ilustrar a compreensão humana à luz da imagem.

“Para Platão, a verdade do mundo está contida nas ideias, mais real, por isso que todos os fenômenos sensíveis e, todo o mundo visível não é senão imagem, reflexo” (CHAUÍ, 2002, p. 15). Assim, as imagens representadas seriam fruto da imaginação e da criatividade humana. Platão teorizava, por exemplo, que não há imagem sem ideação do pensamento ou da produção de um sentido sobre o mundo.

Por outro lado Aristóteles – que viveu um século mais tarde – contrapôs-se ao sentido platônico da imagem, dando a ela um caráter de mediação. A imagem seria, portanto, uma aquisição mediada pelos sentidos de uma representação mental de um objeto real (real aqui entendido como concreto). Nasce dessa percepção aristotélica as bases para o realismo filosófico. E tal contraposição instaura o paradoxo filosófico que perpassaria muitos séculos e manter-se-ia ativo em praticamente todos os domínios do conhecimento. Nesse sentido, a imagem aparece como uma produção que não é meramente cognitiva e passa a ser considerada a partir da influência que sofre do mundo exterior.

A discussão sobre o papel da imagem na elaboração do mundo não ficou restrita, no entanto, ao campo da filosofia, ela influenciou também, de forma determinante, as explicações psicanalíticas no tocante à construção da identidade do sujeito. Em outras palavras existem vicissitudes que enlaçam o conceito filosófico de imagem com as interpretações e representações simbólicas que são homólogas à psicanálise.

Conforme se apresenta nos textos psicanalíticos, as representações fantasmáticas que a criança vivencia são de identificações com a imagem (a *imago*). A própria introdução do termo *imago* é resultado desse entendimento, já que foi realizada pelo psicanalista Carl Gustav Jung, em 1912, para designar uma representação inconsciente através da qual um sujeito designa a imagem que tem de seus pais (ROUDINESCO, 1944, p. 371). Assim, toda essa construção aponta para o caráter fantasmático da imagem, para as representações simbólicas que o humano experimenta nesse campo e que são fundamentais para construção de sentido.

Para o psicanalista francês Jacques Lacan, essa teoria pode ser usada para explicar como os humanos adquirem uma imagem de si mesmos. Segundo Lacan, a criança se identifica com uma imagem exterior, uma imagem do espelho, que não só lhe

permite dominar o corpo, como também provoca na criança um sentimento essencial de alienação. Essa identificação com uma imagem ocorre mais ou menos aos dezoito meses: antes dessa idade, “os bebês não parecem saber que aquilo que veem no espelho é o seu próprio reflexo” (MANGUEL, 2001. p. 184-185).

Então, poder-se-ia dizer que desde a Grécia pré-socrática no séc. VI – quando as imagens tinham importância para a explicação fabulosa dos mitos e os rostos gorgônicos atuavam como representação do espanto e do horror – a imagem possui a função de confrontar o humano com seu lado obscuro.

Sócrates costumava usar o espelho junto aos seus discípulos para que os mesmos pudessem se autorreconher, Ele “[...] oferecia um espelho aos seus discípulos para que, se fossem bonitos, cuidassem de ser dignos e, se fossem feios como ele era, procurassem ser sábios” (MANGEL, 2001, p. 181).

Ao estudar a formação da identidade, o francês Jacques Lacan percebeu que o indivíduo precisa passar uma fase que o mesmo denominou de “estádio do espelho”, que seria o período na vida do indivíduo responsável pela formação da função do eu. Esse momento, que acontece na infância, evidencia a existência de uma relação imaginária e especular que a criança mantém com o Outro materno. A assunção jubilatória de sua imagem especular por esse ser ainda mergulhado na impotência motora e na dependência do homem nesse estágio de *infans*, parecer-nos, pois, manifestar numa situação exemplar a matriz simbólica em que o [eu] se precipita numa forma primordial, antes que a linguagem lhe restitua, no universal, sua função de sujeito (LACAN, 1998).

Para Lacan, no primeiro momento da vida da criança, quando o bebê vê seu rosto refletido num espelho, ele aponta para a imagem como se seu olho se deparasse com outro ser. Só um pouco mais tarde a criança compreende que o rosto do espelho nada mais é que sua própria imagem. Todavia, essa constituição é, via de regra, denominada a partir de uma relação especular simbólica que a criança mantém e investe na figura do outro.

A partir dessas concepções, pode-se dizer que a imagem designa um papel fundamental no processo da subjetivação no indivíduo. A passagem ao reflexo no espelho provoca conflitos egóicos, causando certo nível de estranhamento, respondendo ao que é familiar e retornando ao sujeito.

3 IMAGEM E MITIFICAÇÃO: PERSEU E A MORTE

A ideia da imagem como representação de algo está presente em inúmeras passagens da história das sociedades. A Bíblia, por exemplo, apresenta o homem como imagem e semelhança de Deus, estabelecendo desde o período pré-adâmico o culto à imagem. Outras passagens bíblicas como aquela que referencia a nudez de Eva ou aquela que conta como Verônica, durante o calvário, enxugou o suor e o sangue de Cristo em seu próprio véu, ficando a imagem do rosto do profeta gravada na vestimenta, ilustram o papel da imagem na mitificação do mundo.

O pano que Verônica ofertou a Cristo na hora da morte foi também um espelho final que preservava sua imagem e herdava também seus atributos de cura divina. O Véu de Verônica – como ficou conhecido – chegou a ser presenteado ao imperador romano Tibério, pois se acreditava em seus possíveis poderes milagrosos.

O espelho de Deus o mostra tanto humano como divino; todo espelho humano também possui uma natureza dupla. Reflete tanto o corpo como a alma, a graça da vaidade e a realidade da prudência. As duas qualidades são oferecidas pelo espelho e podemos escolher ver uma ou a outra: qualquer que seja a face que vemos, ela é nossa (MANGUEL, 2001, p. 188).

Manguel faz alusão à imagem espectral que habita o duplo da representação real de cada imagem, como quando encontramos no texto “Perseu, a Morte e a Imagem”, de Jean-Pierre Vernant (2000), por exemplo, faz reflexões relacionadas ao papel da imagem frente à morte, conforme descrito no caso do soldado da *Batalha de Isso* que ergue o escudo para ver sua face diante do momento final, *semblant*². Todavia, o reflexo no espelho não alcança uma realidade tangível. O intuito desse reflexo é ilustrar a imagem da dor presa num instante atemporal, o retrato tranquilo de um ser morrendo mostra que a morte é a face real do humano.

Segundo Manguel, ao longo de toda a vida nossa face sofre alterações, mudanças decorrentes das experiências. Além disso, a influência da luz altera os traços que acreditamos nos pertencer e, por isso, um espelho pode frequentemente provocar surpresas em nossas percepções – não temos um rosto presente.

Quando pensamos ter captado nossas feições em um reflexo, elas já se transformaram em alguma outra coisa, empurrando nosso eu para o futuro. “Cada uma de

nossas células renasce em ciclos de sete anos, onda após onda; nunca somos quem somos, estamos sempre no processo de nos transformar” (MANGUEL, 2001, p. 184).

Para o autor, é possível evidenciar o caráter funcional mitológico da imagem, pois sua representação lança o indivíduo num universo fantasmático que o aprisiona. Tal afirmativa ratifica-se quando recorremos à arte, à pintura, ou a um autorretrato que tem a intenção de espelhar o que há de mais sombrio que habita o sujeito, conforme descrito na poesia *A Woman Young and Old* de William Butler Yeats:

Or ask if all be right
From mirror after mirror,
No vanity's displayed:
I'm looking for the face I had
Before the world was made.

Se [...] pergunto se tudo está bem,
De espelho a espelho,
Não é por vaidade:
Estou à procura do rosto que tinha
antes de o mundo ser criado (YEATS, 1865-1939)

No texto a “Imagem como reflexo”, Manguel (2001) faz uma analogia entre as expressões e imagens que encontramos na arte, tomando como exemplo a pintura. Quando o autor recorre às obras seiscentistas de Rembrandt, tem a intenção de erradicar o caráter essencial da imagem. Pois, ao longo de sua trajetória, o pintor tentou capturar sua imagem real ao pintar autorretratos. Assim, segundo Manguel,

[...] a face que vemos no espelho pode ser a de nosso eu, aquele que deve ser apresentado a Deus [...] é também um retrato do eu desejoso, o duplo, o proibido, o eu desejado ou imaginado à procura de conhecer a própria identidade (2001, p. 186).

A partir da filosofia mitológica, surge um modelo de explicação sobre o mito que serve como narrativa simbólica dentro de um determinado contexto. Seu intuito é ilustrar em forma de personagens o conceito das coisas. O mito opera em dialética com o rito, este que tem a função de dar vida a uma história, organização que pode ser claramente percebida em cerimoniais e danças. No texto “Perseu, a Morte, a Imagem” (VERNANT,

2000), o autor relata que a mitologia e o mito são palavras ligadas à história e aos traços da civilização e o olhar tem função preponderante dentro desse contexto que enlaça os sujeitos, fazendo com que estes resignifiquem suas próprias existências diante da morte.

E foi exatamente para desvencilhar-se do significante que aterroriza a linha que demarca a existência humana (*Eros e Thanatos*) que Perseu escolhe confrontar a figura da morte para assim emergir enquanto sujeito. Nesse sentido, o que parece contradizer a vida é exatamente a morte; na história de Perseu, a mediadora entre a vida e a morte é a imagem da mulher e, nas explicações mitológicas, todas as figuras dessa história carregam personagens de horror, destruição e beleza. Como, por exemplo, as Górgonas, em relação às quais a escolha do herói foi destruir dentre as três a única mortal.

[...] quando se olha uma Górgona, quando se cruza com o olhar de Medusa, de relance ou não, o que se vê refletido no olhar do monstro é a própria pessoa transformada em pedra, ela mesma transformada numa face do Hades, numa figura de morto, cego, sem olhar (VERNANT, 2000, p. 188).

A Medusa (mulher) traz em seu papel um significante do avesso da beleza que mata, petrifica a imagem do homem tornando-o imagem muda e cega, apenas um mero reflexo do que era quando tinha vida. Para tanto, Perseu recorre a um espelho, sugerido por Atenas, para matar esse ser espectral que tem o poder de destruir o homem apenas com um olhar.

[...] Perseu deverá ter o olho mais vivo que essas três moças velhas que só têm um, mas de uma vigilância quase infalível. Precisa descobrir o momento em que esse olho não pertence a nenhuma das três. [...] entre o momento em que uma o passa e o em que a outra o recebe, há um curto intervalo, pequena brecha na continuidade temporal em que Perseu, como uma flecha, deverá se meter para roubar o olho (VERNANT, 2000, p. 185-186).

Essa discussão chama a atenção para a fragilidade da essência e da mortalidade do herói, cuja aventura o transformará em senhor da morte, que também morrerá um dia e, em sua história, só restará a bravura de desafiar a Górgona de olhar petrificante e desse jogo sair com vida, ou seja, o avesso da morte.

A ambiguidade da imagem que de um lado parece ter a intenção de apreender o real momento a partir da face humana e, por outro, parece ter a função de expressar o obscuro e o desconhecido daquele que a vê, remete-nos ao lado obscuro e grotesco que opera na morte, como vimos no mito do olhar petrificante da Medusa.

Isso nos leva a perceber, a partir da visão de Manguel (2001) que todo retrato é de fato um espelho – porém, um espelho aberto, que possibilita a nós espectadores a condição de nos ofertar ao retrato como um espelho dele mesmo para que produza sentido. Obviamente, é nessa relação de cunho íntimo que nasce uma tríade entre três esferas fundamentais que dão vida a uma imagem: o modelo, o artista e observador tornam-se um só na produção de sentido e expressão que confere valor a obra.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os textos destacados foram fundamentais para se alcançar a importância do papel da imagem na contemporaneidade. Pode-se perceber que a fotografia e a morte têm laços estreitos. Nesta leitura conseguimos resgatar não apenas a origem, mas a real influência do lugar simbólico, fantasístico e obscuro que a representação da imagem ocupa até os dias atuais.

Foi de fundamental importância recorrer ao caráter mitológico das explicações filosóficas para compreender o ponto de partida de uma leitura psicanalítica da relação especular e imaginária que o indivíduo precisa estruturar para conseguir emergir enquanto sujeito. A comparação entre a observação lacaniana da relação fantasmática que a criança vivencia em seu primeiro momento de vida e a construção de um autorretrato por um pintor atemporal ratifica a identificação que o sujeito já adulto – e, principalmente, em seu momento de morte como visto na referência ao soldado moribundo da *Batalha de Isso* – precisa manter para se reconhecer frente a sua própria imagem. Ainda que, essa imagem de identificação sofra alterações constantes e diferentes interpretações à luz de quem a vê.

Obviamente, como foi citado no texto embasado no realismo cristão, o homem nasce do pó e ao pó retornará. Essa construção confirma a morte como uma realidade presente, porém aterrorizante, que assola o sujeito ao longo de sua vida. Não por acaso, fazendo um recorte da arte e uma alusão ao pressuposto psicanalítico do mito de Narciso, que vem demonstrar o significante que circunda o reconhecimento da face diante de um espelho (d'água), a imagem poderá levar o indivíduo à morte. Isso ocorre porque a própria imagem opera como uma ilusão que tenta alcançar o real que habita o sujeito e é por meio desse desconhecimento que o sujeito joga-se no mar do inconsciente que o suplanta.

Notas

¹ Termo derivado do latim *imago*: imagem.

² O soldado moribundo, detalhe do mosaico da Batalha do Isso.

Referências

CHAUÍ, M. *Introdução à história da filosofia – dos pré-socráticos a Aristóteles*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002, v. 1.

LACAN, J (1949). O estádio do espelho como formador da função do Eu. In: _____. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998. p. 96-103.

MANGUEL, A. A imagem como reflexo. In: _____. *Lendo imagens: uma história de amor e ódio*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. p. 177-199

ROUDINESCO, E. *Dicionário de Psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

VERNANT, J. P. Perseu, a Morte e a Imagem. In: _____. *O universo, os deuses, os homens*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. p. 181-193.